

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ENTRE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS

Hudson do Vale de Oliveira¹

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que apresenta características específicas e que demanda estudos em diferentes vertentes como, por exemplo, os processos avaliativos adotados junto a este público, as percepções dos/as educandos/as relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, etc. Com este artigo, objetivou-se compreender as memórias, as histórias e as perspectivas de duas pessoas que finalizaram os seus estudos na EJA. Metodologicamente, foram realizadas duas entrevistas com pessoas que participaram da EJA, com três perguntas principais: a) quais as memórias que você tem do seu período educacional antes de chegar na EJA?; b) como foi a sua inserção na EJA e como foi o percurso para a finalização dos estudos? E c) como você identifica a importância da EJA na sua vida e como vislumbra/vislumbrou o futuro ao terminar os estudos na EJA?. Após a realização das entrevistas e análise destas, os resultados nos permite ratificar que é indiscutível a importância da educação e, no caso específico da EJA, essa importância parece ser amplificada, pois permite, por exemplo, que as pessoas que fazem parte desse público consigam, concomitantemente, rememorar o passado, no sentido de perceberem as dificuldades pelas quais passaram, passando a se sentirem mais capazes e se revestirem de autoestima, vislumbrando um futuro possível, ou seja, por meio da educação, da EJA, são capazes de atingir os seus objetivos e alcançar os seus sonhos.

Palavras-chave: Educação; EJA; Trajetórias Educacionais.

INTRODUÇÃO

Não é raro ouvir casos em que pessoas precisaram, ao longo de sua vida, deixar os espaços escolares pelos mais variados motivos como, por exemplo, a necessidade de trabalhar desde cedo para contribuir com o orçamento familiar. Esse público que se distancia do ambiente escolar faz parte, quando retorna à escola, especialmente da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A EJA é uma modalidade de ensino que apresenta particularidades, sendo uma delas a grande diversidade do seu público, pois dentro de uma mesma sala é possível encontrar jovens na faixa entre 18 e 20 anos até pessoas idosas que, possivelmente,

¹ Doutorando em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) / *Campus* Boa Vista Zona Oeste (CBVZO), hudson.oliveira@ifrr.edu.br

estão há muito mais tempo distanciadas das escolas, mas não perderam a esperança na educação e criam, ou querem criar, por meio dela, perspectivas futuras de uma vida melhor.

Assim, com essas considerações iniciais, o objetivo deste texto é buscar compreender as memórias, as histórias e as perspectivas de duas pessoas que finalizaram os seus estudos na EJA. Pretendemos, portanto, revisitar as memórias de duas pessoas, no sentido de fazer uma espécie de retrospectiva acerca de sua jornada educacional, especialmente buscando compreender os elementos que fizeram com que essas pessoas se distanciassem da escola e, principalmente, como foi o regressar aos espaços escolares, na modalidade de EJA, e criar expectativas para um futuro melhor oportunizado pela educação.

METODOLOGIA

Metodologicamente, utilizamos, em termos teóricos, textos que retratam o tema proposto. Para subsidiar a produção textual, a coleta de dados foi realizada por meio de duas entrevistas semi-estruturadas, sendo uma com um advogado e uma com uma graduanda em Serviço Social, que participaram da EJA e que hoje estão, respectivamente, no mercado de trabalho e na universidade. Sobre a entrevista semi-estruturada, May (2004) ressalta o caráter aberto e flexível, uma vez que o entrevistado pode ficar à vontade quando da apresentação de suas respostas.

Em função do contexto de pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, as entrevistas foram realizadas por meio do envio, via *whatsApp*², de três perguntas principais (quais as memórias que você tem do seu período educacional antes de chegar na EJA?; como foi a sua inserção na EJA e como foi o percurso para a finalização dos estudos? Como você identifica a importância da EJA na sua vida e como vislumbra/vislumbrou o futuro ao terminar os estudos na EJA?). Para tanto, com foco em garantir o aspecto relacionado à ética na pesquisa com seres humanos, o entrevistado e a entrevistada, concordaram, também por meio de registro feito via *whatsApp*, em participar da pesquisa.

² O *WhatsApp* surgiu como uma alternativa ao sistema de SMS e agora possibilita o envio e recebimento de diversos arquivos de mídia: textos, fotos, vídeos, documentos e localização, além de chamadas de voz (WHATSAPP, 2021, s/n).

As respostas para as perguntas foram enviadas, também via *whatsApp*, por meio de áudios para cada pergunta realizada. Assim, os áudios foram devidamente transcritos. De posse das respostas, são apresentados aqui alguns apontamentos em diálogo com os textos utilizados na parte teórica e, sempre que necessário, foram utilizados trechos das respostas do entrevistado e da entrevistada. Quando necessário utilizar trechos das falas do entrevistado e da entrevistada, primando pela confidencialidade destes, os chamaremos simplesmente de ENTREVISTADA e de ENTREVISTADO.

Ressaltamos que ambos estavam cientes do objetivo da entrevista e, principalmente, estavam de acordo, sobretudo pelo fato de que tais entrevistas tiveram foco especificamente acadêmico.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Constituição Federal Brasileira afirma que a educação é um direito de todos e um dever do Estado (BRASIL, 1988). De forma mais específica, considerando a modalidade da EJA, o Art. 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, ressalta que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996).

Apesar dessa afirmação, é possível perceber, para além das particularidades regionais, que alguns públicos acabam por ser negligenciados, não só no sentido da não oferta de vagas para que estes públicos possam usufruir desse direito, mas, principalmente, quando se tem a vaga ofertada / garantida, por exemplo, não existem condições mínimas para que os/as estudantes consigam permanecer nos estudos e, especialmente, obter êxito.

É importante destacar que a negligência perpassa, inclusive, os documentos formais que normatizam (ou deveriam normatizar) o sistema educacional brasileiro. Nesse sentido, por exemplo, Carvalho *et al.* (2020), em artigo intitulado “Trajetória, avanços e perspectivas da EJA face à BNCC”, mencionam que, após realizar a análise de documentos favoráveis e desfavoráveis a elaboração da Base, é perceptível que a BNCC não contempla a EJA, sobretudo no que se refere às especificidades que essa modalidade de ensino requer dada, por exemplo, a diversidade do seu público.

Percebe-se, portanto, que não só as práticas efetivas relacionadas à EJA muitas vezes podem não ocorrer, como também a própria legislação que deveria contribuir para o fortalecimento dessa modalidade de ensino também não o faz. De qualquer forma, também não adiantar ter a legislação e não “chegar à ponta”, ou seja, em quem realmente precisa, no público demandante. Assim, faz-se necessário que mecanismos práticos não só estejam presentes nos documentos norteadores, inclusive, das próprias instituições como, por exemplo, quando da implementação de cursos, mas também, e principalmente, devem chegar à ponta, ou seja, chegar a quem realmente precisa da ação, pois sem esse desdobramento prático o que foi registrado enquanto “caminho a seguir” não se refletirá em resultados significativos.

Dourado (2018) ressalta que, pela natureza diversa que apresenta, o público da EJA chama atenção, sobretudo porque merece um olhar e um cuidado especial, no sentido de garantir que os/as estudantes possam atuar como sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem. Assim, poderão ser capazes de analisar de forma crítica este processo e, especialmente, contribuir com ele, “fugindo” da figura de meros espectadores que, simplesmente, absorvem aquilo que o professor traz “pronto e acabado” para a sala de aula, muitas vezes como verdade absoluta (FREIRE, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ENTRE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS: O QUE NOS DIZEM OS ENTREVISTADOS?

Após a apresentação de aspectos gerais relacionados à EJA, apresentamos considerações acerca das trajetórias de dois entrevistados que vivenciaram, ao longo do seu processo formativo, a EJA, buscando fazer uma espécie de retrospectiva acerca de suas jornadas educacionais.

Traçando um perfil geral dos participantes da pesquisa, o ENTREVISTADO é paulista, tem 52 anos, apresenta uma necessidade específica e, hoje, atua como advogado no Estado de Santa Catarina. A ENTREVISTADA é natalense, tem 50 anos, retornou à sala de aula para finalizar o ensino fundamental e médio aos 45 anos e, hoje, faz faculdade de Serviço Social no norte do país.

No que se refere às memórias dos entrevistados acerca do período educacional antes de chegar à EJA, é possível identificar similaridades nas respostas apresentadas pelos dois entrevistados, sobretudo no que diz respeito às necessidades de “abandonar” à sala de aula em momentos específicos das suas vidas, ainda que o desejo de permanecer estivesse presente. De acordo com os entrevistados:

Eu me lembro com certa tristeza porque eu não queria sair da escola, mas, como eu fui mãe muito cedo, não tinha alternativa, pois tinha que não só trabalhar, mas também cuidar do meu filho, pois eu contava com a ajuda de minha mãe, mas não era o suficiente para garantir que permanecesse na escola. Depois, não parei mais de trabalhar. Trabalhei em casa de família durante muitos anos. Depois, tentei abrir um próprio negócio, mas, depois de um tempo, não pude dar continuidade. Eu até queria voltar a estudar, mas para mim parecia algo muito distante. Eu não enxergava uma saída para que isso fosse possível, pois mesmo meu filho sendo maior de idade, as dificuldades agora era além da necessidade de trabalhar, a questão de **oportunidades** mesmo (ENTREVISTADA, grifo nosso).

Quando eu deixei a escola, o principal motivo foi o trabalho. Tive que trabalhar desde cedo, porque tinha que ajudar minha família e também me tornei pai muito jovem. A vontade de retornar à escola sempre esteve presente em minha vida, mas por vezes não consegui. Eu parei no que hoje se chama ensino fundamental, ali pela sétima, oitava série, acho que hoje é oitavo e nono ano. Sempre achei também que as oportunidades efetivas para garantir a minha continuidade nos estudos eram escassas, então era uma dificuldade ainda maior, pois quando tinha vontade de voltar, não via **oportunidades** para isso (ENTREVISTADO, grifo nosso).

Diante desses destaques, sobretudo no que se refere ao termo “oportunidades”, destacada nos dois trechos, é possível vincular tais considerações ao fato de que muitas vezes não são ofertadas vagas para atender o público da EJA, ainda que as normatizações (CF 88, LDB, etc.) tragam a educação como um direito de todos. Outra percepção possível é a de que em alguns casos as vagas são ofertadas, porém não há condições específicas para garantir a permanência e o êxito desses/as estudantes que retornam às salas de aula depois de um período (muitas vezes, longo) distante do ambiente escolar.

Nessa perspectiva, faz-se necessário mencionar que, de acordo com a LDB, a EJA deve ter uma oferta regular com características específicas que sejam adequadas às necessidades e às disponibilidades deste público. Assim, àqueles que são, por exemplo, trabalhadores devem ter garantidas as condições de acesso, mas também a permanência na escola (BRASIL, 1996).

Por outro lado, ratificamos que não basta garantir o acesso dos/as estudantes deste público à escola, mas ir além deste acesso. Faz-se necessário, portanto, o desenvolvimento de estratégias que possam garantir a permanência e o êxito dos/as

estudantes, pois, se isso não ocorrer, os sistemas de ensino tenderão a continuar universalizando o acesso, mas a exclusão dos indivíduos e dos grupos que não se enquadram nos padrões homogêneos das escolas continuará (BRASIL, 2010).

Com relação à inserção na EJA e o percurso para a finalização dos estudos, os entrevistados destacaram que:

Eu sempre quis voltar a estudar, mas confesso que também achava muito complicado, pois por vezes não me sentia capaz. Achava que era algo muito distante e que não daria certo. No meu caso, contei muito com o apoio familiar, principalmente do meu filho, porque ele sempre me incentivou, dizendo que nunca era tarde para estudar, para buscar algo melhor. Lembro que ele sempre me disse: a educação é transformadora, libertadora e pode nos fazer voar. Então, quando mudei de estado para morar com o meu filho, apareceu a oportunidade de voltar à escola, juntamente com o incentivo que eu precisava e o desejo de retornar. Durante as aulas tive muitas **dificuldades**, chorava muitas vezes por não me sentir capaz, mas, graças aos incentivos que recebi, e a lembrança das falas do meu filho, eu consegui finalizar os estudos, mesmo com todos os obstáculos (ENTREVISTADA, grifo nosso).

Nunca imaginei que hoje eu estaria colhendo frutos dos meus estudos, porque diante das **dificuldades**, era algo que parecia muito distante o retorno para a escola. Achava que não encontraria tempo, não conseguiria me adaptar e que as **dificuldades** iriam acabar me levando a desistir. Então, algumas vezes eu pensava, será que vale a pena? Mas, eu tinha vontade de retomar os estudos porque, por mais que na minha família eu não tivesse exemplos a seguir nessa questão da educação, eu sempre vi a educação como transformadora e que me levaria a alcançar meus objetivos, ter uma vida melhor (ENTREVISTADO, grifo nosso).

Os trechos apresentados pelos entrevistados destacam as dificuldades no percurso na EJA e, até mesmo, muita resiliência da parte deles em continuar neste percurso, mesmo com todos os obstáculos que apareceram na jornada. Dentre essas dificuldades, é possível mencionar a necessidade de trabalhar, o que leva muitas vezes os/as estudantes a “abandonarem” as salas de aula, ou seja, entram para a taxa de evasão escolar. Assim, quando retornam à escola, os/as estudantes acabam tendo que conciliar o trabalho com os estudos, o que, sem dúvida, é uma dificuldade a mais no percurso. Aranha (2003) menciona que, além da questão do trabalho, a dificuldade de acesso ao ambiente escolar, o casamento e a própria família são elementos que podem contribuir para a evasão escolar deste público.

No que se refere à identificação da importância da EJA nas suas vidas e como vislumbram/vislumbraram o futuro ao terminar os estudos na EJA, os entrevistados mencionaram:

Eu sabia que a educação iria me levar muito longe, que eu poderia sonhar, conseguir atingir os meus objetivos. Mas, confesso que nem nos meus melhores sonhos eu imaginei que conseguiria entrar numa faculdade, porque sempre achei muito difícil, inclusive acompanhando a jornada de meu filho nos

estudos. Chorei muito quando fui aprovada, principalmente porque caiu a ficha de que eu sou capaz e que eu preciso acreditar mais em mim. Sem dúvida, a EJA foi muito importante na minha vida, porque se hoje eu estou fazendo um curso superior, é graças ao fato de ter feito parte da EJA, mesmo com todas as dificuldades que existem. Até hoje me lembro de perguntar algumas dúvidas para o meu professor de matemática e ele dizer que na EJA não dava tempo para aprofundar nada. Eu ouvia aquilo e ficava com raiva, tentava entender e só se tornava uma dificuldade a mais a ser superada. Agora, estando na faculdade, eu já penso em trabalhar na minha área de formação e, quem sabe, **continuar os estudos**, fazendo um mestrado (ENTREVISTADA, grifo nosso).

Quando eu digo que terminei os meus estudos na EJA muita gente não acredita. Parece que eles pensam que quem participa da EJA tem que só terminar o ensino médio e parar nisso, se contentar. Na minha área, já que sou advogado, percebo que esse comportamento é ainda mais forte, porque ainda é considerado um curso elitizado. Para mim, ter participado da EJA foi muito importante porque, sem dúvida, transformou a minha vida. Hoje eu posso dizer, sou fruto da EJA, sou advogado e **ainda quero mais**, quero fazer um mestrado, um doutorado. Mas, hoje, já me sinto realizado por está trabalhando na minha área de formação (ENTREVISTADO, grifo nosso).

Nos trechos destacados, os entrevistados ressaltam não só a importância de terem feito parte da EJA, retomando os seus estudos e voltando, até mesmo, a sonhar, mas principalmente é perceptível o desejo de continuar os estudos, ou seja, parecem estimulados a darem continuidade, mesmo sabendo que as dificuldades existem, pois, agora, parecem estar mais confiantes de si mesmos e de que são capazes de superar os obstáculos que possam surgir ao longo do processo.

Percebe-se, no trecho do entrevistado, que a EJA para alguns acaba sendo interpretada especificamente como algo compensatório como se os/as estudantes dessa modalidade de ensino deveriam, por exemplo, se contentar com a finalização do ensino fundamental ou do ensino médio. Isso retrata, inclusive, um preconceito por parte das pessoas que tem essa percepção e, portanto, pelo qual este público muito vezes passa. Porém, a continuidade ou não nos estudos é (deve ser) uma possibilidade oportunizada pela EJA, sobretudo no sentido desse público ter condições de desenvolver e de traçar com “autonomia suas próprias biografias formativas” (DI PIERRO *et al.*, 2001, p. 70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, a EJA foi estudada, e continua sendo, por diversos estudiosos, sobre diferentes vertentes, buscando, dentre outros aspectos, analisar de que forma esta modalidade de ensino tem sido ofertada para segmentos específicos que, em função das particularidades que possui, demandam um maior cuidado, uma atenção

diferenciada, um olhar cauteloso e atento (CARRANO *et al.*, 2015; HAAS, 2015; BENEVIDES, 2017).

A educação é um direito de todos e precisa, efetivamente, ser disponibilizada para todos os públicos, independentemente de quais sejam. Para isso, faz-se necessário não só dispositivos legais que normatizem o sistema educacional, mas também, atrelado a esses dispositivos, desenvolver estratégias práticas que possibilitem o acesso concreto a esse direito que, muitas vezes, não é efetivado.

Por fim, é indiscutível a importância da educação e, no caso específico da EJA, essa importância parece ser amplificada, pois permite que as pessoas que fazem parte desse público consigam, ao mesmo tempo, rememorar o passado, no sentido de perceberem as dificuldades pelas quais passaram, passando a se sentirem mais capazes e se revestirem de autoestima, e vislumbrar um futuro possível, ou seja, por meio da educação, da EJA, são capazes de atingir os seus objetivos e alcançar os seus sonhos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Antônia Vitória Soares. Relação entre o conhecimento escolar e o conhecimento produzido no trabalho: dilemas da educação do adulto trabalhador. **In:** Trabalho & Educação. Belo Horizonte: NETE/FAE/UFMG, nº 12, p. 103-114, jan./jun., 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8978>>. Acesso em: 20 ago. 2021

BENEVIDES, Sílvia Lucia Lopes. **Trânsitos curriculares dos jovens populares na escola.** 2017. 151f. Tese (Doutorado em Educação) – João Pessoa/PB. Programa de Pós-Graduação em Educação – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9872/2/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. **Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília – DF: Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva** / Secretaria de Educação Especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010, 73 p.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1439-1454, dez., 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v41nspe/1517-9702-ep-41-spe-1439.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CARVALHO, Kely Rejane Souza dos Anjos de; CARVALHO JUNIOR, Ciro Ferreira de; SANTOS, Jocyleia Santana dos; SOUSA, Graciene Reis de. Trajetória, avanços e perspectivas da EJA face à BNCC. **Educação em Revista**. Marília, v. 21, n. 02, p. 51-64, 2020.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedex**, ano XXI, nº 55, nov., 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/44R8wkjSwvn8w6dtBbmBqgQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

DOURADO, Robson de Cássio Santos. **Gestão da aprendizagem em sala de aula pelos professores da Educação de Jovens e Adultos no município de Tanhaçu – Bahia**: processos de intervenção para a melhoria da qualidade do ensino. 2018. 144f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Disponível em: <<http://www.saberaberto.uneb.br/jspui/handle/20.500.11896/1112>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 34ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HAAS, Clarissa. Educação de jovens e adultos e educação especial: a (re)invenção da articulação necessária entre as áreas. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 2, p. 347-360, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/9038/0>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WHATSAPP. **Sobre o whatsApp**: nossa missão. 2021. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br> Acesso em: 20 out. 2021.